

Santo Afonso Maria de Ligório



**AS VIRTUDES DE
NOSSA SENHORA**

EDITADO POR 

**SANTO AFONSO
MARIA DE LIGÓRIO**



AS VIRTUDES DE NOSSA SENHORA

Fonte

Diz Santo Agostinho que, para obter com mais certeza e profusão os favores dos santos, é necessário imitá-los porque nosso esforço nesse sentido fá-los dispostos a rogar por nós. Depois de ter subtraído alguma alma das garras de Lúcifer, unindo-a com Deus, quer Maria, Rainha dos santos e nossa primeira advogada, que ela se aplique a imitá-la. Do contrário não poderá enriquecê-la de suas graças como desejaria, vendo-a a si oposta nos costumes. Chama por isso de bem-aventurados os que diligentemente lhe imitam a vida. “Agora, pois, filhos, ouvi-me: Bem-aventurados os que guardam os meus caminhos” (*Pr* 8, 32).

Quem ama, assemelha-se ou procura assemelhar-se à pessoa amada, segundo um afamado provérbio. Daí a exortação do Pseudo-Jerónimo para mostrarmos o nosso amor a Maria pela imitação das suas virtudes, sendo esse o maior obséquio que lhe podemos ofertar.

Segundo Ricardo de S. Lourenço, são e podem chamar-se verdadeiros filhos de Maria somente aqueles que buscam copiar-lhe em tudo a vida. Esforce-se, pois, o filho (conclui o autor da *Salve Rainha*) por imitar a Mãe, se deseja seus favores. Vendo-se ela honrada como Mãe, como filho o tratará e favorecerá. É verdade, poucas particularidades registram os evangelistas, quando falam das virtudes de Maria. Entretanto, chamando-a “cheia de graças” nos fazem saber, bem claramente, que teve todas as virtudes em grau heróico. De modo que, diz S. Tomás, enquanto os demais santos sobressaíam, cada um em alguma virtude particular, foi a Bem-aventurada Virgem extraordinária em todas e de todas nos foi dada como modelo. É idêntico o testemunho de S. Ambrósio: A sua só vida é uma escola de virtudes para todos. Exorta-nos por isso: Seja-vos como uma imagem e luminoso modelo a virgindade e a vida de Maria. Nela tendes exemplos para vossa vida, mostrando-vos o que deveis corrigir ou evitar ou guardar.

E já que os Santos Padres chamam a humildade de base de todas as virtudes, meditemos, em primeiro lugar, quanto foi grande a humildade da Mãe de Deus.

I - Humildade de Maria

De todas as virtudes é a humildade o fundamento e a guarda, lê-se com razão nos sermões sobre a Salve Rainha. Sem humildade, não há virtude que possa existir numa alma. Possua embora todas as virtudes, fugiriam todas ao lhe fugir a humildade. Pelo contrário, Deus tão amante é da humildade, que se apressa em correr onde a vê, escreve S. Francisco de Sales a S. Joana de Chantal.

No mundo era desconhecida essa virtude tão bela e necessária. Mas, para ensiná-la, veio à terra o próprio Filho de Deus, exigindo que, principalmente nesse particular, lhe procurássemos imitar o exemplo. “Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29). E assim como em todas as virtudes foi Maria a primeira e mais perfeita discípula de Jesus Cristo, o foi também na humildade. Por ela mereceu ser exaltada sobre todas as criaturas. Essa foi a virtude em que, desde pequena, se singularizou. Assim nos consta de uma revelação feita a S. Matilde.

1. O primeiro traço da humildade é o modesto conceito de si mesmo

Vemo-la em Maria, conforme fala a supracitada revelação. Embora se visse mais enriquecida de graças que os outros todos, nunca ela se julgou acima de quem quer que fosse. Ao contrário, teve sempre modesta opinião de si mesma. Este é o sentido que, no parecer de Roberto, abade, têm as palavras dos Cânticos: Tu feriste o meu coração, minha irmã, tu feriste o meu coração com uma madeixa do teu pescoço (4, 9). O humilde conceito de si mesma foi o encanto com que Maria prendeu o coração de Deus. Não podia, é claro, a Santíssima Virgem julgar-se uma pecadora. Pois, na frase de Santa Teresa, a humildade é a verdade, e Maria tinha consciência de nunca haver ofendido a Deus. Não é também que deixasse de confessar a preferência com que Deus lhe concedera maiores favores do que às demais criaturas. Para humilhar-se ainda mais, reconhece o coração do humilde as singulares dádivas do Senhor. A nítida compreensão da infinita grandeza e dignidade de Deus, porém, aprofundava na Virgem o conhecimento da própria pequenez. Por isso, mais do que ninguém, se humilhava, dizendo com a esposa dos Cânticos: Não olheis para o ser morena, porque o sol me mudou a cor (1, 5). O que, segundo S. Bernardino, significa: Comparando-me com Deus, me vejo toda escura. Segundo o mesmo Santo, jamais ela perdia de vista a grandeza de Deus e o seu próprio nada.

Vendo-se uma mendiga revestida de custosas vestes, que lhe foram dadas, não se envaidece, mas antes se humilha ao contemplá-las diante de seu benfeitor. Justamente essa presença fá-la recordar a sua pobreza. Assim a Virgem quanto mais enriquecida se via, mais se humilhava. Lembrava-se, sem cessar, de que tudo aquilo era dom de Deus. Daí a sua palavra a Santa Isabel de Turíngia: Creia-me, filha, sempre me tive como a última das criaturas e indigna das graças de Deus. Exactamente por isso, conforme S. Bernardino, nunca houve no mundo criatura tão sublimada como Maria, porque nunca ninguém a igualou em humildade.

2. Também é efeito da humildade ocultar os dons celestes

Nem a S. José quis a Senhora revelar a graça de se haver tornado Mãe de Deus. O pobre esposo viu como ela ia ser mãe, e necessitava de esclarecimentos que o libertassem de cruciantes suspeitas da honestidade da esposa, e dele afastassem vexames e confusões. De um lado, José não podia duvidar da castidade de Maria e de outro ignorava o mistério da Encarnação. Resolveu por isso deixá-la ocultamente, para sair de tão embaraçosa situação. Tê-lo-ia feito certamente, se o anjo não lhe houvesse revelado que a sua esposa se tornara Mãe por obra do Espírito Santo.

3. O humilde recusa os louvores referindo-os todos a Deus

Tal foi o procedimento de Maria, ao perturbar-se diante dos louvores que lhe dirigia o arcanjo S. Gabriel. E foi outro talvez o seu procedimento, quando Isabel a chamou bendita entre todas as mulheres e Mãe do Senhor? Imediatamente Maria atribui toda a glória a Deus, respondendo no seu humilde cântico: A minha alma engrandece ao Senhor. Vale como se dissesse: Isabel, tu me louvas, porém eu louvo o Senhor, a quem unicamente é devida toda a honra. Tu te admiras de vir eu a ti, mas eu admiro a bondade divina, na qual, tão somente, o meu espírito se alegra. Louvas-me porque eu acreditei, mas eu louvo o meu Deus, que quis exaltar o meu nada. Na baixeza da sua serva pôs os seus olhos. É esse o motivo por que Maria disse a Santa Brígida: Por que me humilhei tanto ou por que mereci, minha filha, uma tão extraordinária graça? Só porque estava plenamente convencida de não valer nada, de não possuir algo de mim mesma. Procurava por isso o louvor de meu Criador e Benfeitor e nunca o meu próprio. — Admirado de tanta humildade em Maria, exclamava o

Pseudo-Agostinho: Ó realmente abençoada humildade, que abriu o paraíso e livrou as almas do inferno.

4. É próprio do humilde prestar serviços

Maria não se negou a servir Isabel durante três meses. Sobre isto escreve S. Bernardo: Admirou-se Isabel da vinda de Maria, porém mais admirável era ainda o motivo da sua vinda: vinha para servir e não para ser servida.

5. O humilde gosta de uma vida retirada e despercebida

Maria procedeu de modo semelhante, diz-nos o citado Santo, quando o seu Filho pregava numa casa e ela lhe desejava falar. Não se animou a entrar (*Mt 12, 46*). Ficou de fora e não confiou no prestígio de mãe, mas evitou interromper a pregação do Filho; não entrou por isso na casa onde ele falava, observa o mesmo santo Padre. Pelo mesmo motivo, quis também tomar o último lugar, quando estava no cenáculo com os apóstolos. “Todos perseveravam de comum acordo em oração com as mulheres, e Maria, Mãe de Jesus” (*At 1, 14*). Bem conhecia S. Lucas qual o mérito da Divina Mãe, devendo por isso nomeá-la antes de todos. Porém, de facto, Maria tinha tomado o último lugar, depois dos apóstolos e das santas mulheres. S. Lucas — na opinião de um autor — os nomeou a todos e por último a Virgem, segundo o lugar que ocupava. Isso motiva a observação de S. Bernardo: Com razão tornou-se a primeira a que era a última porque, sendo a primeira, se fizera a última.

6. Os humildes amam finalmente os desprezos

Eis por que não se lê que Maria aparecesse em Jerusalém no domingo de Ramos, quando o seu Filho foi recebido com tanta pompa pelo povo. Mas, por ocasião da morte de Jesus, não receou comparecer em público no Calvário, aceitando assim a desonra de se dar a conhecer por mãe de um sentenciado, que ia sofrer a morte de um criminoso. Ela mesma disse uma vez a Santa Brígida: Que há de mais humilde, do que ser chamado de louco, sofrer privação de tudo e ter-se a si mesmo por último de todos? Ó filha, era assim a minha humildade, na qual estava a minha alegria e todo o desejo do

meu coração; pois a minha única preocupação era ser em tudo semelhante a meu Filho.

7. Em um êxtase foi dado a conhecer à Venerável Paula de Foligno quanto foi grande a humildade de Maria

Relatando essa graça ao seu confessor, dizia-lhe atônita: A humildade de Nossa Senhora! Ó meu pai, a humildade de Nossa Senhora! Não existe no mundo, nem ainda no menor grau, humildade que se compare à de Maria. — O Senhor também mostrou um dia a Santa Brígida duas mulheres: uma toda luxo e vaidade. Esta — disse ele — é a Soberba. Sobre a outra, disse: Contempla essa que tem a cabeça baixa, que é serviçal para com todos, pensando em Deus unicamente e convencida de seu nada: é a Humildade e chama-se Maria. Deus assim mostrava que a sua bem-aventurada Mãe era tão humilde, como se fora a própria humildade.

Para a nossa natureza corrompida pelo pecado, não há talvez, como avisa S. Gregório Nisseno, virtude mais difícil de praticar do que a humildade. Entretanto não há remédio: nunca poderemos ser verdadeiros filhos de Maria, se não formos humildes. De onde então as palavras de S. Bernardo: “Se não podes imitar a humilde Virgem em sua pureza, imita ao menos a pura Virgem na sua humildade. Ela aborrece os soberbos e só chama a si os humildes. Todo o que é simples venha a mim (Pr 9, 4). É de Ricardo de S. Lourenço a sentença: Maria protege-nos sob o manto da humildade. O mesmo queria ela dizer a Santa Brígida com as palavras: Vem também tu, minha filha, e esconde-te debaixo do meu manto, que é a humildade. E ajuntou que a meditação da sua humildade era um manto bom e aquecedor. Um manto aquece só quem o traz, não em pensamento, mas na realidade. Assim também minha humildade aproveita só àqueles que se esforçam por imitá-la”. Oh! como são queridas de Maria as almas humildes ! Eis a razão por que diz o autor dos sermões sobre a Salve Rainha: A Virgem Santíssima conhece e ama todos os que a amam; está ao lado dos que a invocam, principalmente quando se lhe assemelham pela pureza e humildade. Martinho d’Alberto, jesuíta, costumava varrer a casa e ajuntar o lixo por amor da Virgem. Apareceu-lhe um dia a Mãe de Deus, refere o Padre Nieremberg, agradeceu-lhe esse obséquio, dizendo: Como me é agradável a humilde acção que praticas por amor de mim!

Assim, pois, ó minha Rainha, não poderei ser vosso filho, se não for humilde. Não vedes, porém, que meus pecados, depois de me terem tornado ingrato ao meu Senhor, me tornaram também soberbo? Ó minha Mãe, remediai a este mal e, pelos merecimentos de vossa humildade, impetrai-me a graça de ser humilde e tornar-me vosso filho. Amém.

II - A sua Caridade Para com Deus

Diz Santo Alberto Magno: Quanto é grande a pureza, é também grande o amor. Quanto mais um coração é puro e vazio de si mesmo, tanto mais cheio é de caridade para com Deus. Assim Maria, sendo sumamente humilde e vazia de si, foi cheia do divino amor e nesse amor excedeu a todos os anjos e homens, como disse S. Bernardino de Sena. Com razão, a chama S. Francisco de Sales "Rainha do amor".

1. Deu o Senhor aos homens o preceito: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração (Mt 22, 37)

Entretanto os homens, diz S. Tomás, não na terra, mas no céu, poderão cumpri-lo perfeitamente. Na opinião de Santo Alberto Magno, semelhante preceito, por ninguém cumprido com perfeição, de certo modo teria sido indecoroso ao Senhor, que o decretou, se não houvesse existido a sua santa Mãe que o cumpriu perfeitamente. Tal pensamento é confirmado por Ricardo de S. Vítor: A mãe de nosso Emanuel em todo o sentido praticou as virtudes com consumada perfeição. Quem como ela cumpriu o preceito de amar a Deus de todo o coração? Tão intenso lhe era o incêndio do amor divino, que não restava lugar para a menor imperfeição. De tal modo o amor divino feriu a alma de Maria, observa S. Bernardo, que não lhe deixou parte alguma que não fosse ferida de amor. Deste modo, pois, cumpriu a Senhora perfeitamente o primeiro preceito divino. Bem podia dizer de si: O meu amado é para mim, e eu para ele (Ct 2, 9). Até os serafins, exclama Ricardo, podiam descer do céu para aprender no coração de Maria a maneira de se amar a Deus.

2. Deus é amor (1 Jo 4, 16) e à terra veio para atear em todos os corações a chama do seu amor

Mas, como o de Maria, não inflamou nenhum outro. Puro completamente de afectos terrenos, estava ele preparadíssimo a arder nesse bem-aventurado fogo. Daí então as palavras do Pseudo-Jerónimo: Tanto o abrasou o amor divino, que nada de terreno lhe prendia as inclinações. Ardia, completa e totalmente no amor divino e dele estava inebriado. Sobre esse amor lê-se nos Cânticos: Os seus abrasamentos são abrasamentos de fogo, chamas do Senhor (8, 6). Fogo e chamas tão somente era, pois, o coração de Maria. Fogo, porque ardia inteiramente por amor, como fala um texto atribuído a Santo Anselmo. Chamas, porque resplandecia externamente pelo exercício das virtudes. Quando Maria, na terra, trazia o Menino Jesus ao colo, bem se podia dizer dela que era um fogo levando outro fogo. E isso em melhor sentido do que Hipócrates disse um dia de uma mulher que levava fogo na mão. De facto, explica Santo Ildefonso, como o fogo encandescer o ferro, assim o Espírito Santo abrasou a Maria, a ponto de nela brilhar somente o fogo do Espírito Santo e manifestar-se a chama do divino amor. S. Tomás de Vila-nova aponta como figura do coração da Virgem a sarça de Moisés, a qual ardia sem se consumir. Com razão, portanto, declara S. Bernardo: A mulher que João Evangelista (*Ap* 12, 1) viu revestida do sol, foi Maria, que esteve tão unida a Deus pelo amor, quanto de tal união podia ser passível uma criatura.

3. Sobre isso apoia-se o pensamento de S. Bernardino de Sena, de que Maria nunca foi tentada pelo inferno

Eis as suas palavras: Assim como de um intenso fogo fogem as moscas, assim do coração de Maria, fogueira de caridade, eram expulsos os demónios, de modo que nem tentavam aproximar-se dele.

Lemos o mesmo pensamento em Ricardo de S. Vítor: Os príncipes das trevas de tal maneira temiam a Virgem Santíssima, que nem ousavam chegar-se para tentá-la, porque as chamas de sua caridade os afugentavam. Maria revelou a Santa Brígida que no mundo nunca teve outro pensamento, outro desejo, outra alegria, senão Deus. Sua alma bendita gozava de uma contínua contemplação, sendo sem conta os atos de amor que fazia, escreve o Padre Suarez. Mais ainda me agrada este pensamento de Bernardino de Busti: Maria não vivia repetindo atos de amor, à maneira dos santos; mas, por singular privilégio, lhe foi a vida um ato único e contínuo de amor de

Deus. Qual águia real conservava os olhos fitos no sol divino, de modo que diz Nicolau, monge, nem os trabalhos quotidianos da vida lhe impediam o amor, nem o amor lhe impedia o trabalho. Essa é a razão por que S. Germano vê uma figura de Maria no altar propiciatório, onde o fogo nunca se extinguiu, nem de dia nem de noite.

4. Nem mesmo o sono, impedia a Mãe de Deus de amar o seu Criador

Tal privilégio foi concedido aos nossos primeiros pais no estado de inocência, como assevera Santo Agostinho. Certamente por isso não foi recusado a Maria, como pensam Suarez e Recupito, abade, com S. Bernardino e Santo Ambrósio. Este último afirma: Enquanto o seu corpo repousava, vigiava a sua alma. Realizou-se assim na Virgem a passagem dos Provérbios: A sua candeia não se apagará de noite (31, 18). Com efeito, enquanto o seu corpo bem-aventurado tomava, num ligeiro sono, o necessário repouso, a sua alma elevava-se até Deus, diz S. Bernardino; e mesmo no sono, praticava a contemplação em grau mais perfeito do que outros quando acordados. Podia, por conseguinte, dizer com a esposa dos Cânticos: Eu durmo, mas meu coração vigia (5, 2). Tanto adormecida como acordada, era feliz a Virgem, diz-nos o Padre Suarez. Em suma, repete S. Bernardino, enquanto Maria viveu na terra, estava continuamente amando a Deus; nunca fez, senão o que conhecia ser do agrado de Deus; e amou-o tanto quanto julgou de seu dever amá-lo. Com muito acerto exprime-se por conseguinte Santo Alberto Magno: Maria foi cheia de tanto amor, que quase não se pode conceber maior numa pura criatura, nesta terra. Segundo S. Tomás de Vilanova, a Virgem, com a sua ardente caridade, de tal modo se tornou formosa e encantou a Deus, que ele, atraído pelo seu amor, desceu ao seu seio, fazendo-se homem. Daí, pois, a exclamação de S. Bernardino de Sena: Eis uma Virgem, que, com a sua virtude, feriu e arrebatou o coração de Deus.

5. Mas já que Maria ama tanto o seu Deus, nada exige dos seus servos senão que o amem, tanto quanto possível

Disse ela uma vez à Bem-aventurada Ângela de Foligno, que havia comungado: Ângela, abençoada sejas por meu Filho, e procura amá-lo quanto puderes. Igualmente falou a Santa Brígida: Filha, se queres prender-

me a ti, ama a meu Filho. — Maria não tem maior desejo, do que ver amado o seu dilecto Filho, que é Deus. Pergunta Novarino por que razão a Santíssima Virgem rogava aos anjos, com a esposa dos Cânticos, que dessem parte ao Senhor do grande amor que lhe consagrava? “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que, se encontrardes o meu amado, lhe façais saber que estou enferma de amor” (5, 8). Por acaso não conhecia Deus o seu amor? Por que tem ela tanto empenho em mostrar-lhe a chaga que ele mesmo abriu? E Novarino responde que desse modo a Mãe de Deus queria patentear o seu amor, não a Deus, mas a nós mesmos, para nos ferir com o amor divino, assim como já estava por ele ferida. Como é toda fogo para amar a Deus, a todos os que a amam e dela se aproximam inflama e torna semelhantes a si mesma, observa S. Boaventura. Chama-lhe por isso Santa Catarina de Sena *a portadora do fogo* do divino amor. Portanto, se nós também queremos arder nessa chama bem-aventurada, procuremos sempre estar junto de nossa Mãe, com as oracções e os afectos.

Ó Maria, Rainha do amor, a mais amável, a mais amada e a mais amante de todas as criaturas (como vos dizia S. Francisco de Sales), ah! minha Mãe! Vós ardestes sempre no amor de Deus, dignai-vos, pois, conceder-me ao menos uma centelha desse amor. Vós pedistes ao vosso Filho por aqueles esposos, a quem faltava o vinho. E não pedireis por nós, a quem falta o amor de Deus, que somos tão obrigados a ter? Dizei a Jesus: Eles não têm amor. É só o que vos pedimos. Ó minha Mãe, pelo amor que tendes a Jesus, atendei-nos, rogai por nós. Amém.

III - A sua Caridade para com o Próximo

O amor para com Deus e para com o próximo nos é imposto pelo mesmo preceito: “E nós temos de Deus este mandamento que o que ama a Deus ame também o seu irmão” (1 Jo 4, 21). S. Tomás dá-nos a razão: Quem ama a Deus ama todas as coisas amadas por ele. Disse um dia Santa Catarina de Sena: Meu Deus, quereis que eu ame o próximo e só a vós eu posso amar. Ao que lhe respondeu o Senhor: Quem me ama também ama tudo aquilo que é amado por mim. Ora, como nunca houve, nem haverá quem ame a Deus mais do que Maria, tão pouco nunca houve, nem haverá quem mais do que ela ame ao próximo.

1. Lemos nos Cânticos: O rei Salomão fez um trono portátil de madeira do Líbano...; por dentro, ornou-o do que há de mais precioso, um mimo das filhas de Jerusalém (3, 9 e 10)

Sobre o texto observa Cornélio a Lápide que o trono portátil é o seio de Maria, no qual habitou o Filho de Deus, enchendo de caridade a sua divina Mãe, a fim de que ela valesse, com isso, a todos que a implorassem.

Passou Maria uma vida tão cheia de caridade que socorria os necessitados, ainda quando não lhe pediam solícito auxílio. Assim o fez, por exemplo, nas bodas de Caná. Com as palavras “Eles não têm vinho”, rogou ao Filho que livrasse milagrosamente os esposos do inevitável vexame. Quão pressurosa era, quando se tratava de socorrer o próximo! Quando, movida pelo dever de caridade, foi assistir a Isabel, diz o Evangelho que então “teve pressa em passar pelas montanhas”. Mais brilhante prova dessa grande caridade não nos pode dar, do que oferecendo o seu Filho à morte pela nossa salvação. Tanto amou o mundo, que, para salvá-lo, entregou à morte Jesus, o seu Filho Unigénito, diz um texto atribuído a S. Boaventura. De onde assim lhe fala Santo Anselmo: Ó bendita entre as mulheres, tu excedes os anjos em pureza, e os santos em compaixão.

2. Nem diminuiu esse amor de Maria para conosco, agora que nos céus se encontra; tornou-se, pelo contrário, muito maior, escreve Conrado de Sxónia, porque agora conhece mais claramente a miséria humana

Também o anjo declarou a Santa Brígida que não há quem recorra a Maria sem receber graças da sua caridade. Pobres de nós, se em nosso favor faltasse a intercessão de Maria! Sem os rogos da minha Mãe, disse Jesus a Santa Brígida, não haveria esperança de perdão para os pecadores.

Bem-aventurado aquele, diz a Mãe de Deus, que ouve a minha doutrina e observa a minha caridade, para desse modo aprender de mim. “Bem-aventurado o homem que me ouve e que vela todos os dias à entrada de minha casa, e que está feito espia às ombreiras de minha porta” (*Pr* 8, 34).

Para captar a estima de Maria, melhor meio não há, diz S. Gregório Nazianzeno, do que usar de caridade para com o próximo. Exorta-nos o Senhor: Sede misericordiosos, assim como também o vosso Pai é misericordioso (*Lc 6, 36*). Assim parece que Maria diz também a seus filhos: Sede misericordiosos, como também vossa Mãe é misericordiosa. E é certo que Deus e Maria usarão connosco da mesma caridade que usarmos com o nosso próximo. “Dai aos pobres, e dar-se-vos-á... Porque com aquela mesma medida com que tiverdes medido, se vos há de medir a vós” (*Lc 6,38*). Insiste, pois, S. Metódio: Dai aos pobres e recebereis o paraíso em troca. Escreveu igualmente o apóstolo, que a caridade para com o próximo nos torna felizes nesta e na outra vida. “A piedade, porém, a tudo é útil, abrangendo a promessa da vida presente e da futura” (*1 Tm 4, 8*). Lemos no livro dos Provérbios: O que se compadece do pobre dá o seu dinheiro a juros ao Senhor (*19, 17*). Explicando essa passagem, diz S. João Crisóstomo: Quem ajuda ao pobre tem a Deus por devedor.

Ó Mãe de misericórdia, sois cheia de caridade para com todos: não vos esqueçais das minhas misérias. Vós bem as vedes. Encomendai-me àquele Deus que nada vos recusa. Obtende-me a graça de poder imitar-vos na santa caridade para com Deus e para com o próximo. Amém.

IV - A sua Fé

A bem-aventurada Virgem, assim como é Mãe do amor e da esperança, também é Mãe da fé. “Eu sou a Mãe do belo amor, do temor e do conhecimento e da santa esperança” (*Eclo 24, 24*). Acertadamente tal se chama, diz Santo Ireneu, porque o dano que Eva com a sua incredulidade causou, Maria o reparou com a sua fé. Palavra essa que Tertuliano confirma, dizendo: Eva deu crédito à serpente, em oposição à palavra de Deus e com isso trouxe a morte; a nossa Rainha, ao invés, crendo na palavra do anjo, segundo a qual devia ser Mãe do Senhor e permanecer virgem, gerou ao mundo a salvação. De acordo está com isso a seguinte sentença, atribuída a Santo Agostinho: Dando Maria seu consentimento à Encarnação do Verbo, abriu aos homens o paraíso pela sua fé. Identicamente exprime-se também Ricardo de S. Vítor, com referência à palavra de S. Paulo: O marido infiel é santificado pela mulher fiel (*1 Cor 7, 7*). E Maria, diz Ricardo, essa mulher fiel, porque com a sua fé salvou Adão

e a toda a sua descendência. Por causa desta fé, proclamou-a Isabel bem-aventurada: “E bem-aventurada tu, que creste, porque se cumprirão as coisas que da parte do Senhor te foram ditas” (*Lc* 1, 45). Porque abriu o seu coração à fé em Cristo, é Maria mais bem-aventurada do que por haver trazido no seio o corpo de Jesus Cristo.

1. Suarez acentua que Maria tem mais fé do que todos os homens e anjos

Via o Filho na manjedoura de Belém e cria-o Criador do mundo. Via-o fugir de Herodes, sem entretanto deixar de crer que era ele o verdadeiro Rei dos reis. Pobre e necessitado de alimento o viu, mas reconheceu o seu domínio sobre o universo. Viu-o reclinado no feno e confessou-o onnipotente. Observou que ele não falava e venerou-lhe a infinita sabedoria. Ouvia-o chorar e o bendisse como as delícias do paraíso. Viu finalmente como morria vilipendiado na cruz, e, embora outros vacilassem, conservou-se firme, crendo sempre que ele era Deus. “Junto à cruz estava a Mãe de Jesus” (*Jo* 19, 25). Aqui observa Santo Antonino: Maria ficou firme na sua jamais abalada fé na divindade de Cristo. Em memória disso, explica o Santo, é que no Ofício das Trevas se conserva uma única vela acesa. Com muito acerto, S. Leão refere a Maria a seguinte passagem dos Provérbios: A sua candeia não se apagará de noite (31, 18). Vem a propósito agora o texto de Isaías: Eu calquei o lagar sozinho, e das gentes não se acha homem algum comigo (63, 3). Comentando-o, observa S. Tomás: As palavras “homem algum” devem ser acentuadas por causa da Virgem, cuja fé nunca vacilou. Assim Maria — conclui Santo Alberto Magno — exercitou a fé por excelência; enquanto até os discípulos vacilaram em dúvidas, ela afugentou toda e qualquer dúvida.

“Virgem da luz para todos os fiéis”, é o título que lhe dá S. Metódio, justamente por causa dessa sua inabalável e grande fé. S. Cirilo de Alexandria saúda-a como Rainha da fé ortodoxa. A própria Santa Igreja atribui aos merecimentos da sua fé a extirpação de todas as heresias. “Alegra-te, ó Virgem Maria, porque sozinha extirpaste todas as heresias”. Dizem os Cânticos: Feriste o meu coração, minha irmã, esposa minha, com um dos teus olhares (4, 9). Na explicação de S. Tomás de Vilanova os olhares de Maria foram a sua fé, pela qual se tornou tão agradável a Deus.

2. Aqui nos exorta Santo Ildefonso a imitarmos Maria na fé

Mas imitá-la como? A fé ao mesmo tempo é dom e virtude. E dom de Deus, enquanto é uma luz na alma. E virtude, enquanto ao exercício que dela faz a alma. Assim a fé nos deve servir de norma, não só para crer, senão também para agir. Por isso, diz S. Gregório: Quem pôs a vida de acordo com a fé, esse crê de verdade. E escreve Santo Agostinho: Tu me dizes: eu creio; procede então segundo essa palavra e de facto estás crendo. A prova de uma fé viva é viver conforme o que se crê. “O meu justo vive da fé” (*Hb* 10, 38). Assim foi a vida da Bem-aventurada Virgem, bem diferente da de muitos que vivem de modo oposto ao que crêem. Destes é morta a fé, como diz S. Tiago. “Porque assim como sem o espírito o corpo está morto, morta é a fé, sem as obras” (2, 26). Diógenes andava procurando um homem, na terra. Assim também parece que Deus anda procurando um cristão, no meio de tantos fiéis. Com efeito, poucos são cristãos pelas obras. A maior parte dos homens só o é de nome. Dever-se-iam repetir-lhes as palavras de Alexandre a um seu homónimo e covarde soldado: Muda ou de nome ou de vida! Ou antes (segundo o Padre Mestre Ávila) se deveriam encerrar esses infelizes como loucos numa prisão. Pois eles crêem que há uma eternidade feliz preparada para os bons, e uma infeliz para os maus, e entretanto vão vivendo como se não cressem em tal doutrina.

Exorta-nos Santo Agostinho a vermos as coisas com olhos cristãos, isto é, à luz da fé. Santa Teresa dizia que todos os pecados nascem da falta de fé. Peçamos, pois, à Santíssima Virgem que, pelos merecimentos de sua fé, nos alcance uma fé viva. Senhora, aumentai a nossa fé!

V - A sua Esperança

Da fé nasce a esperança. Pois Deus nos ilumina com a fé, fazendo-nos conhecer a sua bondade e as suas promessas, para que nos elevemos pela esperança no desejo de possuí-lo. Possuindo Maria a virtude da fé por excelência, teve também, por excelência, a virtude da esperança. Bem podia dizer com David: Para mim a felicidade é apegar-me a Deus, pôr no Senhor Deus a minha esperança (*Sl* 22, 28). Maria foi a fiel esposa do Espírito Santo, aplaudida nos Cânticos: Quem é esta que sobe do deserto inundando delícias, e firmada sobre o seu amado? (8, 5). Sobre o texto diz o Cardeal Algrino: “Maria foi sempre e totalmente desapegada dos afectos do mundo,

que lhe passava por um deserto. Não confiava nem nas criaturas, nem nos próprios merecimentos, mas só contava com a graça divina, na qual estava toda a sua confiança. E assim se adiantou cada vez mais no amor do seu Deus”.

1. Mostrou, de facto, a Santíssima Virgem quanto lhe era grande essa confiança em Deus, primeiramente ao ver a perplexidade de S. José, seu esposo, que, ignorando a misteriosa maternidade de sua esposa, pensava deixá-la.

Parecia, então, como já considerámos, ser necessário que lhe revelasse o oculto mistério. Entretanto ela não quis manifestar por si mesma a graça recebida, diz Cornélio a Lápide. Preferiu abandonar-se à Providência divina, na certeza de que o próprio Deus viria defender-lhe a inocência e a reputação.

Provou ainda a sua confiança em Deus quando, próxima ao parto, se viu em Belém, expulsa até da hospedaria dos pobres, e reduzida a dar à luz numa estrebaria. “E o reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem” (*Lc 2, 7*). Nem a menor queixa lhe escapou dos lábios. Abandonou-se pelo contrário, completamente, nas mãos de Deus e confiou que então a assistiria nesse transe.

Igual confiança mostrou também na Providência quando S. José a avisou de que era necessário fugir para o Egipto. Ainda na mesma noite, partiu para a longa e penosa viagem a um país desconhecido, sem provisões, sem dinheiro e sem outro acompanhamento senão o do Menino Jesus e do seu pobre esposo. “E levantando-se, José tomou consigo, ainda noite, o Menino e sua Mãe e retirou-se para o Egipto” (*Mt 2, 14*).

Melhor ainda demonstrou, porém, a sua confiança, quando pediu ao Filho o milagre do vinho em favor dos esposos de Caná. Disse-lhe apenas: Eles não têm vinho. Ao que respondeu Jesus: Que nos importa isso, a mim e a ti? A minha hora ainda não chegou (*Jo 2, 4*). Apesar da aparente repulsa, confiada na divina bondade, ordenou a Virgem aos servos que fizessem resolutamente o que lhes ordenasse o Filho. Pois era garantida a graça rogada. Com efeito, Cristo Senhor mandou encher com água os vasos e depois a mudou em vinho.

2. Aprendamos, portanto, de Maria, como ter esperança em Deus, principalmente no grande assunto da salvação eterna.

Para resolvê-lo, é indispensável a nossa cooperação; contudo só de Deus devemos esperar a graça para consegui-lo. Desconfiando das nossas próprias forças, devemos dizer com o apóstolo: Tudo posso naquele que me conforta (*Fl* 4, 13).

A sua Castidade

Depois da queda de Adão, rebelaram-se os sentidos contra a razão, e não há para o homem mais difícil virtude a praticar do que a castidade. Conforme o Pseudo-Agostinho, por ela luta-se todos os dias, mas raramente se ganha a vitória. Mas o Senhor nos deu em Maria um grande modelo dessa virtude. Ela, com razão, é chamada Virgem das virgens, lemos em Santo Alberto; e isso porque sem conselho, nem exemplo de outros, foi a primeira a oferecer a sua virgindade a Deus, dando-lhe assim as outras virgens que a imitaram. Predisse-o David com as palavras: Virgens que te seguem serão conduzidas até ao rei...; entram no palácio do rei (*Sl* 44, 15 e 16). Sem conselho nem exemplo, digo eu, firmado em S. Bernardo. Ó Virgem — pergunta o Santo — quem te ensinou a agradar a Deus pela virgindade, levando na terra uma vida angélica? Ah! torna o Pseudo-Jerónimo, certamente Deus escolheu para sua Mãe esta Virgem puríssima, para que servisse a todos de exemplo de castidade. Eis a razão por que Santo Ambrósio a chama de porta-bandeira da virgindade.

1. Por causa de tanta pureza, diz o Espírito Santo, é que a Virgem “é bela como a rola” (*Ct* 1, 9)

Essa rola é Maria, a modestíssima Virgem, diz Apónio. De açucena chamam-na também: Assim como a açucena entre os espinhos, é a minha amiga entre as filhas (*Ct* 2, 2). Na opinião de Dionísio Cartuxo, é ela açucena entre os espinhos, porque as outras virgens, em oposição a Maria, são espinhos para si ou para os outros. Ao contrário, Maria, com a sua só presença, insinuava a todos pensamentos e afectos de pureza. Isso confirma as palavras de S. Tomás: A beleza da Santíssima Virgem despertava em quantos a viam o amor à pureza. S. Jerónimo é do parecer que S. José conservou a virgindade pela companhia de Maria. Refutando a heresia de

Elvídio, que negava a virgindade da Mãe de Deus, diz o Santo doutor: Dizes que Maria não foi sempre Virgem; mas eu vou mais longe e afirmo que também José permaneceu virgem por causa de Maria.

2. Na opinião de S. Gregário Nazianzeno, a Santíssima Virgem era tão amante dessa virtude que, para conservá-la, estaria pronta a renunciar à dignidade da Mãe de Deus

É isso, com efeito, que se deduz da pergunta de Maria ao arcanjo: Como se fará isso, pois que não conheço varão? (*Lc 1, 34*). O mesmo afirma a resposta que deu: Faça-se em mim segundo a vossa vontade. Com esses termos significa que dá o seu consentimento, por ter sido certificada pelo anjo de que se tornaria Mãe, unicamente, por obra do Espírito Santo.

3. Na frase de S. Ambrósio é um anjo quem guarda a castidade, e é um demónio quem a perde

Sim, por esta virtude os homens assemelham-se aos anjos, como diz o Senhor: Eles serão como os anjos de Deus (*Mt 22, 30*). Porém os desonestos tornaram-se odiosos a Deus, como os demónios. Uma sentença, atribuída a S. Remígio, afirma que a maior parte dos adultos se perde por esse vício. É raro vencê-lo, repetimos com o Pseudo-Agostinho. Mas por quê? Porque não se empregam os meios para esse fim.

4. Três são esses meios, dizem com Belarmino os mestres da vida espiritual: o jejum, a fuga das ocasiões e a oração.

Por jejum entende-se a mortificação, principalmente dos olhos e da gula. Maria Santíssima, embora cheia da divina graça, foi mortificadíssima nos olhos. Trazia-os sempre baixos e nunca os fixava em pessoa alguma, como referem o Pseudo-Epifânio e S. João Damasceno. E acentuam que, desde pequenina, causava admiração a todos pela sua modéstia. Por isso foi *apressadamente* em visita a Isabel (*Lc 1, 39*), para ser menos vista em público. Narra Felisberto que Maria, quando criança, só tomava leite uma vez por dia; assim foi revelado a um ermitão chamado Félix. Durante toda a sua vida jejuou sempre, como atesta S. Gregório de Tours. Conrado de Saxónia acentua que jamais teria recebido a Virgem tantos e tamanhos favores, se não tivesse sido tão temperante, pois a gula e a graça não se dão

bem. Em suma, foi ela mortificada em todas as coisas, como insinua o texto dos Cânticos: As minhas mãos destilam mirra (*Ct* 5, 5).

A fuga das ocasiões é o segundo meio para vencer o vício. Assim falam os Provérbios: O que evita os laços estará em segurança (11, 5). De onde então a palavra de S. Felipe Néri: Na guerra aos sentidos só vencem os poltrões, isto é, aqueles que fogem da ocasião do pecado. Maria fugia, tanto quanto possível, à vista dos homens, como indica a pressa com que foi visitar a sua prima. Aqui adverte um autor que ela deixou Isabel, antes de esta dar à luz, como se conclui das palavras de S. Lucas: E ficou Maria com Isabel perto de três meses; depois dos quais voltou para sua casa. Entretanto completou-se o tempo de Isabel dar à luz, e deu à luz um filho (*Lc* 1, 56 e 57). E por que não esperou? A fim de evitar as conversas e as visitas que se sucederiam então em casa de Isabel.

O terceiro meio é a oração: “E como eu sabia que de outra maneira não podia ter continência, se Deus não ma desse... encaminhei-me ao Senhor e fiz-lhe a minha súplica” (*Sb* 8, 21). Sem trabalho e contínua oração a nenhuma virtude chegou a Santíssima Virgem, como consta de uma sua revelação a Santa Isabel. Maria é pura e amante da oração, diz S. João Damasceno; por isso não pode suportar os impuros. Mas quem a ela recorre, basta pronunciar-lhe o nome para ser livre desse vício. Dizia o venerável João d’Ávila que muitas pessoas venceram nas tentações contra a castidade, só por meio da invocação de Maria Imaculada.

VII - A sua Pobreza

O nosso amoroso Redentor, para ensinar-nos a desprezar os bens do mundo, quis viver pobre na terra. “Por vosso amor Cristo se fez pobre, a fim de que vós fôsseis ricos” (*2 Cor* 8, 9). Daí a exortação do Senhor a quantos o querem seguir: Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres (*Mt* 19, 21). Maria, a sua mais perfeita discípula, também lhe quis seguir o conselho.

Com a herança dos seus pais, teria ela podido viver folgadoamente, como prova S. Pedro Canísio. Preferiu, no entanto, ser pobre, muito pouco reservando para si e o mais distribuindo em esmolas ao templo e aos pobres. Afirmam muitos autores que a Virgem fez voto de pobreza. De

facto, nas revelações de Santa Brígida lemos estas palavras de Maria: Desde o começo prometi a meu Senhor nada possuir neste mundo: Não deviam certamente ter pouco valor os presentes dos Santos Magos. Fê-los, porém, a Senhora repartir com os pobres, pelas mãos de S. José, conforme atesta Santo Antonino. Que os distribuiu imediatamente, prova-o a oferta que trouxe quando da apresentação no templo. Não ofertou o cordeiro, que era o presente dos ricos, imposto pelo Levítico, mas as duas rolas ou pombas, oferta dos pobres (Lc 2, 24). O que possuía — disse a Virgem Santíssima a Santa Brígida — dei-o aos pobres; só guardei o indispensável para vestir e comer.

1. Por amor à pobreza também não recusou desposar um pobre carpinteiro, qual foi S. José; sustentou-se por isso com o trabalho das suas mãos, fiando ou cosendo, como escreveu Boaventura Baduário

Conforme as palavras do anjo a Santa Brígida, os bens deste mundo não valiam para Nossa Senhora mais do que cisco. Em suma, ela viveu sempre pobre e pobre morreu. Pois não se sabe que por sua morte deixasse outra coisa, senão duas pobres vestes a duas mulheres que a tinham assistido durante a vida, como referem Nicéforo e Metafrasto.

2. De S. Filipe Néri é a sentença que diz: Aquele que ama as riquezas nunca há de ser Santo

E quem anda atrás das coisas perdidas, acrescenta Santa Teresa, também se perde. Pelo contrário, na sua opinião, a virtude da pobreza é um bem que encerra todos os outros bens. Eu digo a *virtude* da pobreza, porque esta, segundo S. Bernardo, não consiste somente em ser pobre, mas em amar a pobreza. Por isso Jesus Cristo exclamou: Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus (Mt 5, 3). Bem-aventurado porque em Deus encontra todos os bens, quem só a ele quer. Sim, encontra na pobreza o paraíso na terra, como S. Francisco de Assis o dizia: Meu Deus e meu tudo! Amemos, pois, esse único bem, em que todos os bens estão encerrados, aconselha-nos Santo Agostinho. Só peçamos ao Senhor o seu santo amor, a exemplo de Santo Inácio: Dá-me, Senhor, a tua graça e o teu amor e eu serei mais do que rico. Se nos afligir a pobreza, consolo nos seja

o pensamento de Conrado de Saxónia, de que pobres como nós foram também Jesus e Maria.

Ah! minha Mãe Santíssima, bem razão tínheis de dizer, que em Deus estava a vossa alegria. Pois neste mundo não ambicionastes, nem amastes outro bem, senão a Deus. Ó Senhora minha, desapegai-me do mundo, e atraí-me para vós, a fim de que eu ame esse Bem único, que merece ser amado unicamente.

VIII - A sua Obediência

1. A Santíssima Virgem amava a obediência

Quando da embaixada de S. Gabriel não quis tomar outro nome senão o de escrava. “Eis aqui a escrava do Senhor”. Com efeito, testemunha S. Tomás de Vilanova, essa fiel escrava do Senhor nunca o contrariou, nem por acções, nem por pensamentos. Obedeceu sempre e em tudo à divina vontade, completamente despida de toda a vontade própria. Ela mesma declarou que Deus se tinha agradado da sua obediência. “Ele olhou a baixeza de sua serva”. A humildade própria de uma serva é ser sempre pronta a obedecer. Pela sua obediência, reparou Maria o dano causado pela desobediência de Eva, afirma Santo Irineu. “Como a desobediência de Eva causou a morte ao género humano, assim pela obediência foi a Virgem, para si e para a humanidade, a causa da salvação”.

2. A obediência de Maria foi muito mais perfeita que a de todos os santos

É óbvia a razão disso. Pois todos os homens sendo inclinados ao mal por causa do pecado original, sentem dificuldades na prática do bem. Mas tal não se deu com a Santíssima Virgem. Isenta da culpa original, nada tinha que a impedisse de obedecer a Deus, escreve S. Bernardino de Sena. Como uma roda segue facilmente o impulso que lhe é dado, movia-se também a Virgem a cada impulso, com prontidão. Viveu observando e executando fielmente o divino beneplácito, continua o mesmo Santo. Bem lhe ficam as palavras dos Cânticos: A minha alma se derreteu, assim que o meu amado falou (5, 6). Na opinião de Ricardo, a alma da Virgem se liquefazia,

semelhante a um metal derretido, estando disposta a tomar todas as formas que Deus lhe quisesse dar.

3. Maria mostra, com efeito, quanto era pronta na obediência

Para agradar a Deus, quis obedecer ao imperador romano, fazendo uma longa viagem de 30 milhas a Belém. Fê-la nos rigores do inverno, quando esperava dar à luz o seu filhinho. Sobre isso era tão falta de recursos, que se viu reduzida a ver nascer-lhe o filho numa estrebaria. Mostrou-se igualmente pronta ao receber o aviso de S. José, pondo-se imediatamente a caminho, na mesma noite, para a viagem ainda mais longa e penosa do Egito. Aqui pergunta Silveira por que razão a necessidade de fugir para o Egito foi revelada a S. José, e não à bem-aventurada Virgem, a quem a viagem devia custar ainda mais. Responde então: Foi para que ela desse modo pudesse exercer a obediência. Porém Maria demonstrou sobretudo sua heróica obediência à divina vontade, quando ofereceu o Filho à morte. Na grandeza de sua constância, dizem o Vulgato Ildefonso e Santo Antonino, estaria disposta a crucificá-lo, se houvessem faltado os algozes.

4. À exclamação da mulher que o interrompia com as palavras: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram”, respondeu o Salvador: Antes, bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em obra (Lc 11, 27-28)

S. Beda, o Venerável, assim comenta a passagem: Maria era mais bem-aventurada pela sua obediência a Deus, do que por motivo de sua dignidade como Mãe do Senhor. Razão é essa pela qual muito lhe agradam por isso as almas amantes da obediência. Apareceu ela um dia a um religioso franciscano, chamado Acúrcio. Mas eis que da cela o chamam para confessar um enfermo. Deixou-a, portanto, o religioso, mas de volta a encontrou ainda. A Virgem o estava esperando e muito lhe louvou a obediência. Pelo contrário, repreendeu outro religioso que, ouvindo o sino chamar para o refeitório, se demorou a concluir certas devoções.

5. Também falou a Virgem a Santa Brígida da segurança que há em obedecer ao director espiritual, e disse-lhe que a obediência, a quantos a praticam, leva-os ao paraíso

Donde, dizia S. Filipe Néri, que Deus não pede conta do que fizemos por obediência, porque tornou essa virtude uma obrigação para nós. “O que vos ouve, a mim ouve; o que vos despreza, a mim despreza” (Lc 10, 16). A Santa Brígida disse também a Mãe de Deus que, pelo merecimento de sua obediência, havia ela obtido do Senhor a graça de alcançar o perdão a todos os pecadores, que arrependidos a ela recorressem.

Ó amável Rainha e Mãe, rogai a Jesus que nos conceda, pelos méritos de vossa obediência, a graça de seguir fielmente as ordens de Deus e as disposições dos nossos directores espirituais. Amém

IX - A sua Paciência

1. Sendo a terra lugar de merecimentos, é com razão chamada vale de lágrimas, porque nós todos aqui fomos postos para sofrer, e por meio da paciência conquistar a vida eterna para as nossas almas

Pois, não disse o Senhor: Pela vossa paciência possuireis as vossas almas? (Lc 21, 19). Deu-nos ele a Virgem Maria para exemplo de todas as virtudes, mas principalmente para modelo de paciência.

Entre outras reflexões, diz S. Francisco de Sales que Jesus, nas bodas de Caná, só dirigiu à Santíssima Virgem uma resposta, na qual parecia fazer pouco caso de seu pedido. “Mulher, que nos importa isso, a mim e a ti? A minha hora ainda não chegou”. Fê-lo para nos dar um exemplo da paciência de sua Mãe Santíssima. Mas porque citar detalhes particulares? Toda a vida de Nossa Senhora foi um contínuo exercício de paciência. Segundo a revelação do anjo a Santa Brígida, a Bem-aventurada Virgem sempre viveu entre as tribulações. Tal como entre os espinhos viça a rosa, viveu assim entre padecimentos contínuos a Mãe de Jesus. Só a compaixão com as penas do Redentor foi bastante para torná-la mártir de paciência. Daí a palavra de S. Bernardino de Sena: A crucificada concebeu o Crucificado. Quanto ao que sofreu na viagem e estadia no Egipto, assim como no tempo em que viveu com o Filho na oficina de Nazaré, já o considerámos acima quando tratámos de suas dores. Bastava a sua assistência junto a Jesus moribundo no Calvário, para fazer conhecer quanto foi constante e sublime a sua paciência. Foi então, precisamente pelos merecimentos de sua

paciência, que se tornou Maria nossa Mãe e nos gerou à vida da graça, diz Santo Alberto Magno.

Se, pois, desejamos ser filhos de Maria, é necessário que nos esforcemos por imitá-la na paciência. E qual dos meios o melhor para aumentar os cabedais dos nossos méritos nesta vida e de glória na outra, senão o sofrer os trabalhos com paciência? “Eu hei de cercar o teu caminho com espinhos”, é uma palavra de Deus a Oséias, a qual, na opinião de S. Gregório Magno, tem valor a respeito de todos os eleitos. A cerca de espinhos guarda a vinha, e assim Deus circunda de tribulações os seus servos, para que não se apeguem à terra. De modo que a paciência nos livra do pecado e do inferno, conclui S. Cipriano.

2. É também a paciência que plasma os santos, porque “a paciência efectua uma obra perfeita” (Tg 1, 4)

Ela aceita as cruces vindas diretamente de Deus, tais como: a doença, a pobreza etc., bem como as que nos vêm dos homens, como as perseguições, as injúrias e outras mais.

S. João Evangelista viu todos os santos trazendo palmas, símbolo do martírio (*Ap* 7, 9). Isso significa que todos os adultos que se salvam devem ser mártires, ou pelo sangue ou pela paciência.

3. Eia, pois, exclama o Papa Gregário Magno, nós podemos ser mártires mesmo sem os instrumentos do martírio, guardando paciência.

Ou então, como diz S. Bernardino, se sofrermos, alegre e pacientemente, as penas desta vida. Oh! como frutifica, no céu, cada pena padecida por Deus! Daí as animadoras palavras do apóstolo: Pois aquilo que de tribulação nos vem no presente, momentâneo e leve, produz em nós, de modo incomparável e maravilhoso, um peso eterno de glória (*2 Cor* 4, 17). Belas foram as palavras de Santa Teresa sobre este assunto. Quem abraça a cruz não a sente, dizia a Santa. Em outro lugar: Quando alguém se resolve a padecer, a pena está acabada. Quando nos sentirmos acobardados pelas cruces, recorramos a Maria. Pois de consoladora dos aflitos a chama a Igreja, e de remédio para todas as doenças, S. João Damasceno.

Ah! Senhora minha dulcíssima, vós, inocente, padecestes com tanta paciência; e eu, merecedor do inferno, me recusarei a sofrer? Minha Mãe, esta graça hoje vos peço; fazei, não que eu seja livre das cruces, mas que as suporte com paciência. Rogo-vos, pelo amor de Jesus, que me alcanceis de Deus esta graça; de vós a espero.

X - O seu Espírito de Oração

Nunca viu a terra uma alma que, como Maria, com tanta perfeição pusesse em prática o grande preceito do Salvador: Importa orar sempre e nunca cessar de o fazer (*Lc 18, 1*). Ninguém melhor do que Maria nos pode servir de exemplo, diz Conrado de Saxónia, e ensinar a necessidade da oração perseverante. Santo Alberto Magno escreve que a Divina Mãe foi, abaixo de Jesus, a mais perfeita na oração, de quantos têm existido e hão de existir.

1. Primeiramente, a sua oração foi contínua e perseverante. Desde o primeiro instante de sua vida, gozava Maria do uso perfeito da razão, como consideramos na festa da Natividade.

Já então começou a orar, e, para melhor se entregar à oração, quis encerrar-se no retiro do templo sendo ainda menina de três anos. Aí, além das horas destinadas a esse santo exercício, erguia-se de noite e ia orar ante o altar do templo, como revelou a Santa Isabel de Turíngia. Segundo Odilon de Cluni, visitava mais tarde os lugares do nascimento, da Paixão e do sepultamento de Cristo, para meditar continuamente nas dores de seu Filho.

2. A Santíssima Virgem rezava também completamente recolhida e livre de qualquer distração, ou afecto desordenado, escreve Dionísio Cartuxo.

Ao amor pela oração uniu o desejo de conversar com os seus pais, como revelou a Santa Brígida. Sobre o texto de Isaías: “Eis que a Virgem conceberá e dará à luz” (7, 4) observa S. Jerónimo que, em hebreu, a palavra *almah* significa *virgem que vive retraída*. Empregando-a, pois, já predisse o profeta o amor de Maria à solidão. No parecer de Ricardo de S. Lourenço, também as palavras: “O Senhor é contigo” insinuam essa predileção. Por isso, com todo o direito, exprime-se S. Vicente Ferrer:

Maria só saía de casa para visitar o templo, guardando sempre a modéstia dos gestos e do olhar. Foi com pressa que passou pelas montanhas em visita a Isabel, diz Santo Ambrósio, ensinando que às virgens convém o fugir do público.

3. Afirma S. Bernardo que Maria, pelo amor à oração e ao retiro, estava sempre atenta em fugir ao trato com o mundo.

Rola é por isso o nome que lhe dá o Espírito Santo. “As tuas faces têm toda a beleza, assim como as da rola” (Ct 1, 9). Para Vergelo é a rola uma ave solitária e por esse motivo também é imagem da alma recolhida em Deus. Sim, a Virgem sempre viveu solitária neste mundo, como num deserto. A ela aplica-se o texto dos Cânticos: Quem é esta que sobe pelo deserto, como uma varinha de fumo? (5, 6). Eis o comentário que faz Roberto às ditas palavras: Subiste pelo deserto até Deus, porque a tua alma amava a solidão. Já Filon dizia: A palavra de Deus é ouvida em lugar silencioso. O próprio Deus declara, por boca de Oséias: Eu a levarei à solidão e falarei a seu coração (Os 2, 14).

Eis aí o motivo da exclamação do Pseudo-Jerónimo: Ó solidão, na qual Deus fala e trata familiarmente com os seus! Assim é, confessa S. Bernardo; pois a solidão e o silêncio, que se gozam no retiro, convidam a alma a deixar com o pensamento a terra, e a meditar nos bens celestiais.

Virgem Santíssima, impetrai-nos o amor ao retiro e à oração, para que, desapegados do amor às criaturas, possamos aspirar só a Deus e ao paraíso, onde vos esperamos ver um dia, para louvar-vos e amar-vos sempre, juntamente com vosso Filho Jesus Cristo, por todos os séculos dos séculos.

Amém.